

A imagem da Alemanha em Guimarães Rosa como retrato auto-irônico

Paulo Astor Soethe*

Resumo

O artigo apresenta exemplos da recepção da cultura alemã por João Guimarães Rosa, com base em declarações do escritor e documentos e anotações disponíveis no Instituto de Estudos Brasileiros (USP). Problemática a postura assumida por Rosa diante da Alemanha, tendo em vista o fato biográfico de sua atuação como diplomata em Hamburgo, entre 1938 e 1942, e a clara remissão a esse fato em três contos publicados em *Ave, palavra*. As referências sempre elogiosas à cultura alemã e a parcimônia nas manifestações sobre o nazismo, por parte de Rosa, são curiosamente suspensas nos aqui chamados “contos alemães” (“O mau humor de Wotan”, “A senhora dos segredos” e “A velha”). Os textos são marcados pelo olhar crítico e auto-reflexivo de um diplomata brasileiro em Hamburgo, que nos três contos aparece como narrador-personagem. Destaca-se aí o problema da concessão de vistos de imigração pelo Estado brasileiro, capítulo delicado de nossa história, vivido de perto pelo autor de *Grande sertão: veredas*.

Palavras-chave: Guimarães Rosa e a Alemanha; Contos alemães de *Ave, palavra*; Guimarães Rosa, diplomata; Anti-semitismo na Era Vargas.

O destino flui, o homem flutua.
 (“O mau humor de Wotan”, ROSA, 1994, II, p. 922)

O interesse de João Guimarães Rosa pela língua e cultura alemãs foi até hoje objeto de poucos trabalhos (MEYER-CLASON, 1969 e 1970; ROSENFELD 1973; OTTE, 2002). O próprio escritor colaborou para que o tema tivesse tratamento leve e ligeiro: ao se pronunciar sobre a cultura de língua alemã, assumia um tom exageradamente positivo, incensador, que a meu ver dificultava

* Universidade Federal do Paraná.

ta avaliar a relevância intelectual e formativa de sua confrontação com ela. Por outro lado, faltou também aos intérpretes de Rosa certo distanciamento, pois praticamente não se apontou um possível exagero e auto-ironia cifrada que pudesse ser a tônica das suas manifestações. A imagem da Alemanha na produção literária de Rosa, da mesma maneira, ainda é tema pouco explorado pela pesquisa especializada. Neste trabalho, irei tecer considerações gerais sobre a questão e debruçar-me sobre os “contos alemães” de Rosa: “A velha”, “A senhora dos segredos” e “O mau humor de Wotan”. Também farei alusão a **Grande sertão: veredas**. Embora me refira ao romance de maneira breve e com argumentos ainda incipientes, suponho que as intuições que apresentarei possam oferecer ponto de partida para reflexões futuras, em especial sob a perspectiva teórica proposta por Willi Bolle (2004). Material inédito do Arquivo Guimarães Rosa e exemplares de sua biblioteca particular, ambos abrigados no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP) contêm diversas informações sobre a leitura e recepção de obras em língua alemã por Rosa. O material só há pouco começou a ser explorado de maneira sistemática.¹ Por isso assumo neste artigo um ponto de vista a um só tempo descritivo sobre o estado da questão, mas também prospectivo, no sentido de evidenciar como pode ser fértil o aprofundamento da pesquisa e reflexão em torno do tema.

AUTO-ESTILIZAÇÃO IRÔNICA: IDENTIFICAÇÃO E APROPRIAÇÃO PRODUTIVA DO OUTRO

Quando se refere à sua cidade natal, em entrevista a Günter Lorenz, Guimarães Rosa designa-a como a seguir: “Cordisburgo germânico, fundado por alemães, (...) coração do meu império suevo-latino”. Imediatamente a seguir, em consideração ao entrevistador e em sinal claro da reflexividade irônica sobre a auto-estilização, acrescenta: “Creio que esta genealogia haverá de lhe agradar” (cf. ROSA, 1994, I, p. 31). Declarações autobiográficas como essas certamente não estão em primeiro plano na produção de Rosa voltada ao público em geral. Ao contrário, via de regra o escritor esquiva-se de se manifestar sobre a própria pessoa; é portanto significativo que tenha concedido justamente a um interlocutor de língua alemã sua entrevista mais longa e informativa, em 1965, e nela se manifestado diversas vezes sobre a cultura do entrevistador estrangeiro.

¹ O apoio do CNPq ao projeto de pesquisa intitulado “Riobaldo encontra Vupes: influxos da cultura alemã na obra de João Guimarães Rosa”, bem como a valiosa colaboração de Jaqueline Koehler, bolsista do Programa de Iniciação Científica da UFPR/CNPq, em 2000 e 2001, possibilitou-me chegar aos atuais resultados.

Também pelo 60º aniversário de seu editor alemão, Joseph Caspar Witsch, o escritor-diplomata Guimarães Rosa mostrou-se curiosamente disposto a começar o discurso falando de si mesmo. De maneira divertida e sob um tom claramente autobiográfico, Rosa discorre sobre sua simpatia pela língua alemã, já no tempo de menino, quando se distinguia dos demais ao usar as pausas do jogo de futebol para estudar a gramática do alemão que ele mesmo havia comprado. E tudo isso só por amor às palavras plenas de consoantes, como “*Kraft e Sanft, Welt e Wald e Gnade e Pfad e Haupt e Schwung e Schmiß*”. Lembra, no discurso, que teria estudado Medicina em livros alemães, lido Schiller, Heine e Goethe, e que de preferência se apaixonava por meninas loiras descendentes de alemães. (*apud* MEYER-CLASON, 1970, p. 76)

Essas declarações, apresentadas para a platéia alemã, são típicas para o posicionamento de Rosa quanto a temas relacionados àquela cultura: primeiro esforça-se por representar-se em sua excepcionalidade, jovem gênio que já menino se apropria da língua alemã; mas logo a seguir encerra o parágrafo com um comentário de gosto duvidoso sobre as meninas loiras, filhas de descendentes, se pensamos tratar-se de um intelectual e homem de Estado brasileiro, cujo país é marcado pela diversidade étnica, mas predominantemente pela cor morena.

O cânone literário alemão (Goethe e Schiller, mas também Heine) e livros de Medicina são mencionados de uma só vez, e isso depois de pares de palavras provavelmente escolhidas a dedo, e que não por acaso remetem a oposições: *Kraft* e *sanft* (força e manso), *Welt* (mundo, elemento da cultura) e *Wald* (mata, elemento da natureza), *Gnade* (graça, a libertação do caminho estreito da criaturalidade) e *Pfad* (trilha, caminho estreito, justamente), *Haupt* e *Schwung* (cabeça e ímpeto), e por fim o ambivalente *Schmiß* (que ao mesmo tempo significa cicatriz e impulso arrebatador). A simpatia pela língua e cultura da Alemanha (que entendendo ser sincera e intensa em Rosa) não se deve a uma admiração ingênua e cega, que comentadores lhe atribuem de maneira quase leviana, mas sim a uma constatação das ambivalências da herança cultural e histórica daquele país, algo que desperta nele um misto de crítica discreta (por via irônica) e espelhamento (não raro sob o signo da autocomiseração).

Fontes

Antes de passar a considerações interpretativas, gostaria de exemplificar a recepção de elementos da cultura alemã por Rosa, indicando algumas fontes documentais e procurando relacioná-las à produção do escritor.

A língua

No discurso pelo aniversário de Witsch, Rosa manifestou sua admiração intensa pela língua alemã. A Lorenz, por sua vez, declarou que, se chegasse a escrever uma autobiografia, ela teria a forma de um dicionário (ROSA, 1994, I, p. 53). E esse projeto de certo modo se concretizou. Pois quem se ocupa com o material disponível no Arquivo Guimarães Rosa constata que ele consiste, em grande parte, de anotações voltadas à concepção de novas palavras e expressões. Essas anotações como que equivalem a uma autobiografia, em sentido rosiano, já que revelam estações de seu processo de trabalho com a linguagem e de sua formação intelectual.

Como se sabe, o procedimento do escritor consistia na criação de vocábulos e expressões a partir da leitura de textos diversos, da fruição de obras das artes plásticas² e da reflexão sobre experiências vividas. Alguns desses vocábulos e expressões eram assinalados com o símbolo “m%” (“meu próprio”, cf. SPERBER, 1976, p. 18) e listados sob a forma de glossários, para posterior emprego na criação literária. O tratamento da palavra como desencadeador essencial no processo de criação chamou a atenção de diversos críticos, entre outros o alemão Martin Franzbach (1978).

O programa lexicogênico foi cumprido a sério: segundo Nilce Martins (2001), há mais de 8.000 neologismos na obra de Rosa, dentre os quais 2.500 teriam sido criados com base em seus conhecimentos de línguas estrangeiras, entre elas o alemão. E o léxico organizado por Martins, para o qual não podem faltar elogios, deixa no entanto lacunas no que se refere a esse idioma.

Um exemplo da produtividade morfológica a partir do contato com o alemão encontra-se no conto “O mau humor de Wotan”. Em determinado momento, lê-se a frase: “Na penumbra do grande hall da Hauptbahnhof,³ maior era a muda procissão dos soldados que des-e-embarcavam” (ROSA, 1994, II, p. 921). A composição com mais de um prefixo, em “des-e-embarcavam”, não é comum em português e advém, com grande probabilidade – também pelo contexto em que surge – do alemão “ein- und aussteigen”. O procedimento é usual naquele idioma, em que a prefixação diversa de uma mesma raiz verbal ou nominal na mesma oração propicia o apagamento dessa raiz nas ocorrências em que ela se repete. A transposição desse fenômeno típico do alemão também se verifica, por exemplo, na expressão “quiro e cartomantes”, em “A senhora dos segredos” (ROSA, 1994, II, p. 1.121). Nilce Martins registra a ocorrência de “of-e-defensivo” em “Sanga Puytã” (MARTINS, 2001, p. 359; cf. ROSA, 1994, II, p. 935), sem referir-se, no entanto, a essa possível origem da composição.

² Quanto a isso, v. Soethe (1999).

³ Estação ferroviária central.

Obras ensaísticas e literárias

As fontes do Arquivo e da Biblioteca Guimarães Rosa contêm informações sobre que livros de autores alemães o escritor leu e quais deles desencadearam o que se poderia designar como recepção produtiva.⁴ Em seu acervo pessoal, de cerca de 3.000 exemplares, havia mais de 120 livros em alemão ou obras sobre temas alemães em francês, espanhol, inglês, italiano ou português. São obras literárias, tratados sobre cultura popular alemã, artes plásticas, religião, história política, catálogos, bem como livros de filosofia.

Vale destacar brevemente, como exemplo, a recepção por Rosa do relato de um viajante de língua alemã no Brasil. Na biblioteca do escritor estão presentes os dois volumes da tradução brasileira de **Viagem pelo interior do Brasil**. Johann Emanuel Pohl (1951), o autor, empreendeu essa expedição “nos anos de 1817-1821, sob as ordens supremas de sua majestade o imperador da Áustria, Francisco I”. Os exemplares da obra, publicada originalmente em Viena em 1832/1837, contêm anotações de Rosa à margem, em especial nas páginas em que se descrevem cenários das vivências e caminhos de Riobaldo. No vol. II, por exemplo, há alusões do viajante austríaco à região do rio Abaeté. Registro aqui apenas os trechos destacados por Rosa, como a seguir:

bela côr verde [à margem, anotação em verde: *Rio Abaeté*]
Aqui o rio Abaeté é constrangido de ambos os lados por uma cordilheira contínua, a serra do rio Abaeté, que o acompanha até a sua embocadura no rio São Francisco. Ambas as suas margens são cobertas de florestas. [...] belo rio [...] serra do Espírito Santo [sublinhados em lápis verde; à margem, em lápis cinza: “m% = ... o rio Abaeté/entre a serra do Abaeté”] (POHL, 1951; p. 269; cf. destaques de João Guimarães Rosa)

Essas anotações ecoarão, por exemplo, no episódio do reencontro de Riobaldo e Zé Bebelo, após a morte de Diadorim e volta de Riobaldo à vida social:

Que Zé Bebelo estava demorando léguas para cima, perto de São Gonçalo do Abaeté. Me fiz pra lá. (...) Trote tocamos, viemos, beirando aquele rio. O senhor sabe – o rio Abaeté, que é entristecedor audaz de belo: largo tanto, de morro a morro. (ROSA, 1994, II, p. 384)

Outro fato curioso, que por si só merece estudo aprofundado, é o grande número de anotações e destaques no exemplar do livro de Emilio Willems (1946), **A aculturação dos alemães no Brasil**. O interesse de Rosa, em particular pela contribuição de imigrantes alemães para a “cultura material”, destacada por Willems, ecoa na figura de Vupes, em **Grande sertão: veredas**. O personagem alemão é descrito como distinto e cultivado; valoriza certo refinamento social e

⁴ Sobre a suposta recepção produtiva de Thomas Mann por Guimarães Rosa, cf. p. ex. Ortega-Lleras (1985). Em outra direção, Soethe (2002).

relacional, preferindo a cidade para viver; comercializa artigos de ferro. Além disso, sob uma perspectiva idealista, Vupes elogia em Riobaldo sua pontaria, ao destacar que este atira como o espírito.⁵ Pode não ser casual, portanto, o jogo com o sobrenome do personagem alemão “Wuspes... *Wupsis*... Vupses” (ROSA, 1994, II, p. 50), de grafia relativamente semelhante a “Willems”, sem contar a coincidência plena do prenome: “Emilio” nos dois casos. Parece-me plausível, para uma investigação mais exhaustiva, a hipótese de que estaria em questão, no personagem Vupes, a linha alemã dentre os muitos fios do tecido étnico e cultural brasileiro, se entendemos **Grande sertão: veredas** como romance de formação do Brasil, no sentido que propõe Willi Bolle (2004).

Quanto à literatura alemã, Rosa declara na entrevista a Günter Lorenz conhecê-la “bastante bem” (ROSA, 1994, I, p. 52): o *Simplizissimus* (de Grimmelshausen), a obra de Goethe, Thomas Mann, Robert Musil, Franz Kafka e Rilke seriam objetos de sua admiração. No entanto, não saberia “o que fazer com autores mais jovens como Brecht”, já que a visão do ser humano que representam corresponderia à de “*Wolfsburg-Menschen*”, “seres humanos do tipo Wolfsburg”, em alusão à cidade-sede da fábrica Volkswagen, como símbolo da sociedade de consumo moderna. Rosa condena assim a intensa politização da nova geração de escritores e afirma, em uma declaração claramente provocativa, que todos esses autores juntos “não terão a importância que uma única frase de Goethe tem para o destino do homem” (ROSA, 1994, I, p. 52). Uma vez mais Rosa combina elementos opostos da cultura alemã – engajamento de esquerda (Brecht) e entusiasmo capitalista (Wolfsburg) – para distanciar-se dos diferentes pólos e apresentar-se como escritor apolítico. Seu modelo é Goethe, que “não escrevia para o dia, mas para o infinito” (ROSA, 1994, I, p. 49).

Essa postura de Rosa despertou reações severas de estudiosos alemães como Martin Franzbach, que não poupou críticas nem a seus conterrâneos envolvidos na difusão da obra de Guimarães Rosa na Alemanha:

Tradutores, críticos e filólogos alemães tentaram contribuir com a notoriedade de Rosa em nível internacional. Hoje, no entanto, já se pode dizer (...) que seus hinos de louvor corresponderam mais a um desejo intelectual do que à realidade sociológica da recepção. Os julgamentos estéticos de valor dessa gente na verdade apenas refletem o mal-entendido que também Rosa produziu com a concepção de literatura alemã que defendia. A recepção de Rosa esteve restrita apenas ao cânone de leituras da burguesia alemã ilustrada. (FRANZBACH, 1978, p. 167-168)⁶

⁵ Curioso que em grego haja uma mesma palavra para “boa pontaria”, “intuição” e “habilidade para aproveitar a ocasião”, qualidades que Vupes valoriza em Riobaldo: trata-se do termo *eustóchia* (por exemplo cf. a *Segunda Analítica* de Aristóteles, I, 34, 89b 10-11).

⁶ Na Alemanha, escreveram sobre Guimarães Rosa, entre outros e além dos já mencionados: Lind (1971); Schwaderer (1980); Rössner (1991); Vejmelka (2003a, 2003b).

Em suma: como diplomata experiente, Guimarães Rosa soube despertar reações nos países estrangeiros de língua alemã e, com suas declarações provocativas, tornou-se tema de controvérsias. O elemento auto-irônico, sugerido na comparação de si mesmo com Goethe, encontra-se também nas referências aos próprios livros como “leitura para alemães – gente que sente de modo agarrado e afetivo a natureza, e que precisa, a todo momento, de maneira inadiável, de apoiar-se na metafísica” (*apud* MEYER-CLASON, 1969, p. 49). Depois de descrever os próprios livros como objetos “virgens e irrevelados, enquanto não recebessem a sanção e bênção dos leitores alemães”, segue o comentário que a meu ver é indício de ironia fina: “O que digo é sincero, nada demagógico, poderia jurá-lo pelo corcel do jagunço Riobaldo” (*apud* MEYER-CLASON, 1969, p. 49-50).

Essas idéias, expressas no discurso pelos 60 anos de Witsch destacam, apesar da ironia, e mesmo por ela, o que Rosa via como fator de identificação para ele com a literatura e a cultura alemã do século XIX e início do século XX: sensibilidade para a natureza e necessidade de asseguramento metafísico (seja de maneira pretensamente exitosa, como em Goethe, seja de maneira fracassada, como em Kafka); isto é, a necessidade de conferir à realidade um sentido elevado, por meio da laboração espiritual. Assim, ao lado da formulação irônica e quase patética de que seus romances sejam leitura para alemães,⁷ também se podem entender essas manifestações como proposições poetológicas sobre a própria obra. Convivem tensamente a auto-estilização irônica e o fundo de seriedade presente *ex negativo* nas suas declarações, se entendidas como portadoras de ironia e autocrítica.

Em suma, como amplo material para pesquisa futura, encontram-se na biblioteca de Rosa livros de Novalis, Jean Paul, Goethe, Schiller, Heine, Hebbel, Raabe, Meyrinck, Sacher-Masoch, Thomas Mann, Musil, Kafka, Rilke, Bergengruen, Kükelhaus e Jünger. Há uma recepção produtiva da literatura de língua alemã por Rosa, para além do cânone burguês que ele, à primeira vista, parece exaltar.

Isso posto, destacarei no próximo item a confrontação de Guimarães Rosa com o contexto alemão sob o regime nazista, enquanto diplomata brasileiro naquele país, a serviço do Estado Novo. Alusões a experiências e à própria biografia perpassam os “contos alemães” de *Ave, palavra*, como chave interpretativa para os textos, mas também para o posicionamento do escritor e diplomata em face do contexto social, histórico e cultural vivido por ele, na Alemanha e no Brasil.

⁷ O argumento já constava na primeira carta ao tradutor alemão Curt Meyer-Clason (cf. ROSA, 2003, p. 70).

A LIDA COM O PODER

Foi entre 1938 e 1942, entre o auge e o início da derrocada do Estado nazista, que Guimarães Rosa atuou como vice-cônsul na embaixada brasileira de Hamburgo. Apesar dos tempos, vivenciou com intensidade o encontro com a cultura que tanto admirava (conhecida dos livros, até então). A despeito do desencantamento progressivo com a realidade política que lá encontrou (cf. OTTE, 2002), não deixou de angariar conhecimento e experiências que depois integraria à própria obra e horizonte cultural e estético. É significativo que Rosa tenha guardado por quase 30 anos, por exemplo, o pequeno catálogo de sua visita à casa de Goethe em Frankfurt, logo no início de sua estada no país. O escritor, por ocasião do aniversário de Witsch, refere-se ao tempo em que viveu na Alemanha com palavras de elogio e simpatia. Refere-se a Hamburgo, a “Hansestadt”, como uma das mais belas cidades do mundo. Afirma ter aprendido, ao longo dos quatro anos em que lá viveu, o concreto e o abstrato – as pessoas, a música, o *solid*, o *tief* [profundo], a cultura, o modo de ser alemão e seu pensamento progressista.

Fala mais uma vez o diplomata experiente. Não há uma palavra de recriminação pelo nazismo, mas o elogio pelo modo de ser alemão e seu “pensamento progressista”. Ironia fina, que se volta também ao próprio orador: o material no Arquivo Guimarães Rosa revela que o jovem diplomata, então com 30 anos e pela primeira vez na Europa, flutuava sobre as vagas ideológicas que fluíam no contexto da época.

Anotações de Rosa de fins dos anos 1930 demonstram leituras no campo da teoria das raças (a *Rassenkunde* alemã), por exemplo com listas de características peculiares a judeus e alemães. Deve ter sido mesmo inevitável na época, e em Hamburgo, estar distante de material dessa natureza. Um exemplo: da leitura de um tratado dessa área, Rosa aprende o conceito de *Rutilismus* (ruividão, ocorrência de cabelos ruivos) como fenômeno na história de um povo. Nesse contexto, depara-se com o termo *fuchsröt*, e então anota, antecedida de “m%”, sua tradução livre “ruivo-raposa”.

Graças a sua sensibilidade humana e estética, tudo indica que Rosa afastou-se muito cedo de qualquer atitude simpática a esse tipo de reflexão. Mas deve-se ter presente que setores do próprio governo Vargas, que Rosa então servia como diplomata, não negavam admiração pela Alemanha nazista, a ponto de a declaração brasileira de guerra contra Hitler ser tardia e fruto de contingências externas na relação com os Estados Unidos. E a política de imigração, em particular, não estava livre de uma atitude anti-semita. A historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro (2001) destaca em **O anti-semitismo na Era Vargas** o papel que tiveram em especial diplomatas na realização de uma política discriminatória em relação a judeus:

Foi através do quadro de diplomatas do Itamarati que o anti-semitismo encontrou condições para fluir como fenômeno político, configurado teoricamente e concretizado por uma prática de bastidores, encoberto por um nacionalismo exacerbado. Como homens de poder, trataram a questão judaica com toda a diplomacia, expressando através de intensa correspondência uma mentalidade racista embebida em preconceitos anti-semitas, alimentados durante a sua permanência no exterior. (p. 224)

E insiste no argumento em suas “Considerações finais”: “[O Estado Novo] deve ser visto, também, como o início de uma fase de revigoramento do anti-semitismo no Brasil, sustentado pelos ‘diplomatas’ do Itamarati num autêntico cerimonial de bastidores” (CARNEIRO, 2001, p. 399). Apesar da “vibração simpática” de Maria Luiza Carneiro, que por vezes provoca “certas simplificações” – segundo o prefácio ademais muito elogioso de Antonio Candido –, a documentação apresentada pela historiadora é consistente e aponta para um tema delicado em nossa história recente, tanto mais quando relacionado a nomes como o de Guimarães Rosa.

O escritor mesmo, no entanto, não se esquiva da questão. Quando Lorenz lhe pergunta diretamente “Foi isto [a aversão à política e o amor pelo homem] que levou você a se arriscar perigosamente, arrebatando judeus da mão da Gestapo?”, Rosa responde apenas:

Foi alguma coisa assim: mas havia também algo diferente: um diplomata é um sonhador e por isso pude exercer bem essa profissão. O diplomata acredita que pode remediar o que os políticos arruinaram. Por isso agi daquela forma e não de outra. E também por isso mesmo gosto muito de ser diplomata. E agora o que houve em Hamburgo é preciso acrescentar mais alguma coisa. Eu, o homem do sertão, não posso presenciar injustiças. No sertão, num caso desses imediatamente a gente saca o revólver, e lá isso não era possível. Precisamente por isso imaginei um estratagema diplomático, e não foi assim tão perigoso. (...). (ROSA, 1994, I, p. 42)

Vazios e indefinições na fala (“alguma coisa assim”, “algo diferente”, “daquela forma e não de outra”, “o que houve em Hamburgo”); a relativização do que realmente ocorria (“não foi assim tão perigoso”); e a frase voltada contra colegas diplomatas em resposta à pergunta seguinte de Lorenz (“A maioria deles, que não são verdadeiros diplomatas mas apenas políticos frustrados...”, ROSA, 1994, I, p. 42) apenas insinuam vazios referenciais e apontam para uma questão complexa, que está para além de meras decisões éticas em nível pessoal.

A mesma vagueza que marca as declarações diretas, no entanto, é material raro para a fluidez da dicção literária. Vestígios dessa problemática difícil verificam-se nos “contos alemães” de **Ave, Palavra**, particularmente em “A senhora dos segredos” (1952; 1953; 1967) e “A velha” (1961; 1967). Nos dois contos, há um narrador em primeira pessoa, diplomata em Hamburgo. (Não se pode ignorar a referência autobiográfica, também presente em “O mau humor de Wotan” 1948;

1967). Em ambos, o diplomata nega-se a prestar ajuda para a emigração de uma mulher alemã, apesar da situação ameaçadora em que ela se encontra.

Na primeira história, a quiromante Frau Heelst quer emigrar para o Brasil depois de predizer a guerra como inevitável. “Não, não era mais possível. Nada deixavam os astros” (ROSA, 1994, II, p. 1.124) são as palavras irônicas do narrador, com as quais se revela indisposto a ajudar.

Na segunda narrativa, que aqui nos interessa mais especificamente, solicita-se com insistência a presença do já conhecido diplomata brasileiro em Hamburgo na residência de Dame Verônika. Quando ele finalmente se digna a visitá-la, ouve uma história inusitada: Frau Verônika, ou Dona Verônica, pede-lhe auxílio para negar a origem judaica de sua filha nascida no Brasil, a também já idosa Dame Angélika. Em português, a velha mãe revela ao diplomata o segredo de sua vida: Angélika não era filha do esposo de Dona Verônica, o judeu Káspar Eswepp, mas sim filha natural de “um homem nobre”, compatriota do diplomata. O casal Eswepp havia passado vários anos no Brasil: o marido freqüentava a corte de Pedro II, que se interessava pela língua hebraica e tinha o Sr. Eswepp em alta conta. Foi naquele tempo que tudo aconteceu. Verônika conhecera “o amor de sua vida” em “Petrópolis”, onde freqüentava a residência imperial de verão. Apesar da ambientação tocante, sobretudo ao fim da narrativa, o diplomata nega seus serviços: “Não, em fato. Não. Tive de sacudir a cabeça. *Dame Angélika* nem mesmo era brasileira. Tudo indeterminado, sem fundamento certo, apenas o citar de um romance perdido no antigo, tão esfiapável, pátina, voz para memória” (ROSA, 1994, II, p. 1.021).

É um acaso curioso e sintomático, diante dessa narrativa, que o estudo de caso apresentado por Maria Luiza Carneiro para a embaixada de Hamburgo, em 1940, refira-se as considerações anti-semitas do cônsul-geral José J. de Souza Ribeiro (de quem Rosa era cônsul-adjunto, portanto) sobre modificações necessárias nas concessões de visto “ao casal que viajasse junto”. Souza Ribeiro sugere a substituição dessa expressão – na alínea “e” da Circular Secreta 1.127, principal instrumento da legislação migratória anti-semita de então – pela formulação “casal que viva comprovadamente junto”. E justifica que assim “se estaria evitando introduzir no Brasil, de má fé, uma judia, divorciada, separada ou em vias de separação de marido ariano” (cf. CARNEIRO, 2001, p. 253). No universo de sua visão de mundo anti-semita, Souza Ribeiro sugeriu maior tolerância para os casais mistos, visto considerar esse tipo de casamento mais útil do que o de velhos casais de marido e mulher semitas. Casais deste último tipo não interessavam ao Brasil, pois eram “improdutivos e infecundos, petrificados no mais empedernido mosaísmo, judeus judaizantes, sustentáculos de sinagogas e guardas vigilantes dos costumes do *ghetto* e das tradições talmúdicas, reacionários a qualquer tendência à assimilação e a desjudaização dos mais jovens” (CARNEIRO, 2001, p. 253).

Guimarães Rosa, que mereceu diversas vezes elogio e consideração por seu

engajamento em favor dos judeus (cf. ARAÚJO, 1987, p. 17; entre outros), parece desvelar a ambivalência de suas atitudes com a máscara reveladora da ficção. A meu ver, pode-se entrever sob a dicção literária a confissão indireta das omissões cabíveis a um diplomata brasileiro na Alemanha. Amadurece assim a simpatia de Rosa pela cultura alemã, antes idealizada. Precisa abdicar da identificação ingênua com a terra de poetas e pensadores e, ao mesmo tempo, por via irônica, partilhar com ela a tarefa de luto e arrependimento diante dos crimes cometidos nos anos 30 e 40, não apenas sob o Estado nazista.

Refina-se a sensibilidade do escritor em relação à culpabilidade essencial do homem em sua atuação histórica. Pois mesmo a obra-prima de Rosa, em contexto plenamente diverso, é escrita sob essa consciência pessoal e social: Riobaldo, jagunço que se torna fazendeiro, narra sobretudo a própria culpabilidade pela perda de Diadorim, seja por omissão, seja pela hesitação às vezes calculada em dedicar-se plenamente às causas de seu amor.

Nesse contexto, limito-me a mencionar a relação entre biografia e interculturalidade como caminho para a formação de identidade, e recorro à categoria de uma identidade pluripolar como exposta por Franz Wimmer (2001). Para elucidar a categoria, Wimmer utiliza a imagem da viagem turística, para a qual se parte com a certeza ou no mínimo a possibilidade do retorno ao lugar de origem (p. 32). Essa viagem, em sua circularidade, não traz de volta ao ponto exato de partida, já que o turista traz da viagem algo consigo, que o modifica (p. 33). No caso de Guimarães Rosa permito-me variar o argumento e substituir a figura do turista cultural pela figura do diplomata. O exemplo de Rosa, inclusive, presta-se bem ao que Wimmer pretende com a reflexão sobre a dimensão biográfica em textos literários: encontrar na biografia pessoal tratada em literatura a via para abordar sociografias, ou seja, “biografias” de sociedades. Ao relatar nos “contos alemães” episódios de forte conotação biográfica, Rosa estaria problematizando na verdade questões da sociedade e contexto político em que vivia.

Pois algo é certo: Rosa passou desde cedo a condenar convictamente o nazismo. Uma de suas caracterizações de Hitler, já de 1940, nos “Estudos para a obra” – “Ao rádio, Hitler, rouco e raivoso, rolando os erres” – é empregada 21 anos mais tarde justamente no texto “A velha” (ROSA 1994, II, p. 1.019). Nessas anotações dos anos em Hamburgo, lê-se também o neologismo “hitlerocidades”, mistura criativa de “Hitler” com “atrocidades”. No caminho de consolidação dessa atitude política diante do nazismo, cabe destacar a leitura de **Hitler m’a dit** (1939), de Hermann Rauschning.⁸ Trata-se de um dos volumes mais detalhadamente anotados no acervo de sua biblioteca.

⁸ “Residente em Dantzig, inicialmente simpatizante do nazismo, Rauschning chegou a ocupar o cargo de presidente do parlamento naquela cidade, após as eleições de 1933. Logo, porém, entrou em con-

“O mau humor de Wotan”, publicado pela primeira vez em 1948, é comprovação clara de que a brutalidade do regime nazista deixou marcas profundas em Rosa. A visão de mundo hitlerista equivalia a uma espécie de parâmetro negativo, que cabia combater com rigor. A narrativa trata de um casal com que o narrador – diplomata, é evidente – sela amizade em Hamburgo. Hans-Helmut Heubel, de família tradicional hanseática, cultor de prazeres e belezas da vida, havia prestado serviço militar na França, onde aprende, sobretudo, a apreciar bons vinhos da região. Em uma reunião social com amigos, dois dos quais defensores fervorosos do regime, Heubel expressa-se da seguinte maneira, ao ser questionado sobre suas experiências no *front*: “Da guerra vi apenas cavalos e cachorros, mortos, felizmente...” (ROSA 1994, II, p. 920). A frase sela seu destino. É denunciado pelos “amigos” e logo depois convocado mais uma vez ao serviço militar. Inapto para a guerra, logo encontra a morte.⁹

A narrativa não é apenas um libelo contra o nazismo, mas, de maneira também positiva, revela um posicionamento claramente favorável à ética pacifista e humanista-cristã, segundo a qual cabe destinar na sociedade atenção especial aos mais fracos e desfavorecidos. Ao encerrar o texto sobre Hans-Helmut Heubel, que “não voltará”, o narrador adverte: “Ninguém fale, porém, que ele mais não existe, nem que seja inútil hipótese sua concepção do destino e da vida. Ou que um dia não venham a ser bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra” (ROSA, 1994, II, p. 925, cf. Mt 5,5).

Em nosso contexto, é particularmente digno de nota que o personagem alemão corporifica o convívio igualitário das diversas culturas: “relia a Cabala ou a Bíblia e cria num destino plástico e minucioso, retocável pelo homem” (p. 917); “por tradição, baixava à Itália amada de Goethe, de Teutos e Cimbro” (p. 918); nutria um “crescente amor pela França” (p. 919); e se era germânico por “estimar a ordem em trabalho contínuo”, por “uma profundidade nebulosa no indagar a vida” e pelo “pausado modo de existir”, de marcial nada tinha e “formara-se o menos belicoso dos homens” (p. 917); afinal, “tocavam-no sutilezas de latino: de preferência ao sólido, escolhia o leve e lépido, o bonito” (*idem*) e “tinha sensato interesse por tudo o que do Brasil” (p. 918). Esse homem, sim, o diplomata “votava a um dia para lá migrar”.

flito com o líder nazista local, abriu mão de seu cargo em 1934 e pôs-se em fuga a partir de 1936. Na Suíça, publicou duas grandes obras de denúncia contra o nazismo, que alcançaram repercussão mundial, pelo fato de serem as primeiras provenientes de um ex-partidário de Hitler: *A revolução do niilismo* (1938) e *Conversas com Hitler* (1939) (cf. KUSCHEL, 1999, p. 188).

⁹ Sobre o conto, ver também Rosenfeld (1973).

CONCLUSÃO

Ciente das atrocidades e ambivalências da Alemanha que tanto admirava, e talvez partilhando com ela certa culpa histórica, quando impõe ao diplomata brasileiro em dois de seus contos uma omissão quase cínica diante de quem implora asilo, Guimarães Rosa não abdica da visão de um futuro positivo para o diálogo e cooperação entre os espaços culturais e sociais brasileiro e alemão. Como indícios da superação de uma culpa purgada em comum, apresentam-se no conto “O mau humor de Wotan” a figura de Heubel e o encerramento da narrativa com uma posição ética inequívoca.

Há, assim, um espaço de confluência possível entre Guimarães Rosa e a imagem que guarda da cultura alemã – mesmo depois dos anos em que, como diplomata do Brasil sob o Estado Novo, vive naquele país sob o poder do nazismo. O espaço possível é o da arena em que se cumpre a tarefa nada fácil de purgar, no próprio corpo e no tecido da própria história, a culpa e a omissão.

Abstract*

The article presents examples of German culture reception by João Guimarães Rosa; it is based on the writer's declarations and documents and notes available at Instituto de Estudos Brasileiros (USP). It analyses Rosa's assumed posture in relation to Germany, focusing, as a biographic fact, his work as diplomat in Hamburg, between 1938 and 1942, and a clear reference to this fact in three short-stories published in *Ave, palavra*. Rosa's always commendable references to German culture and moderated manifestations in relation to Nazism are curiously suspended in the here called “German short stories” (“The bad humor of Wotan”, “The lady of the secrets” and “The Old Woman”). These texts are pointed by the critic and self-reflexive look of a Brazilian diplomat in Hamburg, who appears in the three short stories as narrator. It stands up the problem of Brazilian State immigration visa conceiving, a delicate chapter of our history, which was faced by the author of the *Devil to Pay in the Backlands*.

Key words: Guimarães Rosa and Germany; German short stories of *Ave, palavra*; Guimarães Rosa, diplomat; Anti-Semitism in Vargas' Era.

* Agradeço à Cleverson Ribas Carneiro a versão do resumo ao inglês.

Referências

- ARAÚJO, Heloisa Vilhena de. **Guimarães Rosa: diplomata**. Ministério das Relações Exteriores: Fundação Alexandre de Gusmão, 1987.
- BOLLE, Willi. **grandesertão.br**. São Paulo: Editora 34; Duas Cidades, 2004. (Coleção Espírito Crítico)
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O anti-semitismo na Era Vargas**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- FRANZBACH, Martin. João Guimarães Rosa. In: EITEL, Wolfgang (Org.). **Lateinamerikanische Literatur der Gegenwart**. Stuttgart: Kröner, 1978. p. 156-169.
- HOFMANN-ORTEGA LLERAS, Gabriela. **Die Produktive Rezeption von Thomas Manns 'Doktor Faustus'. Einzeltextanalysen zu João Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Michel Tournier und Daniele Sallenave**. Heidelberg: Winter, 1995.
- KUSCHEL, Karl-Josef. **Os escritores e as escrituras**. São Paulo: Loyola, 1999.
- LIND, Georg Rudolf. Regionalismus und Universalismus im Werk João Guimarães Rosas. In: **Germanisch-Romanische Monatsschrift**, Heidelberg, 21 (52), 3, p. 327-343, 1971.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. **O léxico de Guimarães Rosa**. São Paulo: Edusp, 2001.
- MEYER-CLASON, Curt. João Guimarães Rosa e a língua alemã. In: MEYER-CLASON, Curt. *et al.* **Guimarães Rosa**. Lisboa: Inst. Luso-Brasileiro, 1969. p. 43-59.
- MEYER-CLASON, Curt. João Guimarães Rosa und die deutsche Sprache. **Staden-Jahrbuch**, São Paulo, v. 18, p. 75-87, 1970.
- OTTE, Georg. O 'Diário Alemão' de João Guimarães Rosa – Relato de um projeto de pesquisa em andamento. In: DUARTE, Lélia Parreira (Org.). **Veredas de Rosa II**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2002. p. 285-290.
- POHL, João Emanuel. **Viagem ao interior do Brasil**. 2 v. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1951.
- RAUSCHNING, Hermann. **Hitler m'a dit: confidences du Führer sur son plan de conquête du monde**. Paris: Coopération, 1939.
- ROSA, João Guimarães. **Ficção completa**. 2 v. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ROSA, João Guimarães. **João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason: (1958-1967)**. Org. Maria A. F. M. Bussolotti; trad. Erlon José Paschoal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Academia Brasileira de Letras; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.
- ROSENFELD, Werner. Guimarães Rosa und die deutsche Kultur. **Staden-Jahrbuch**, São Paulo, v. 21/22 p. 21-33, 1973/74.
- RÖSSNER, Michael. "Literatura fantástica" in Brasilien? Die phantastische Kurzerzählung bei João Guimarães Rosa. In: PFEIFFER, Erna; LIND, Georg Rudolf (Org.). **Canticum Ibericum**. Frankfurt/M.: Vervuert, p. 244-256, 1991.
- SCHWADERER, Richard. Tradition und Innovation in João Guimarães Rosas Roman 'Grande sertão: veredas'. **Iberomania**, Tübingen, n. 12, p. 155-174, 1980.
- SOETHE, Paulo Astor. **Ethos, corpo e entorno: sentido ético da conformação do espaço em *Der Zauberberg* e *Grande sertão: veredas***. Tese de doutoramento – Universidade de São Paulo, 1999.

SOETHE, Paulo Astor. Guimarães Rosa, pintura e espaço literário. In: COLÓQUIO 2000 PALAVRAS: O FUTURO DAS LETRAS, 2000, Pelotas. 2.000 palavras: as vozes das Letras. Pelotas: Programa de Pós-graduação em Letras/UFPel, 2000. p. 261-270.

SOETHE, Paulo Astor. Thomas Mann e Guimarães Rosa. In: KESTLER, Izabela Furtado *et. al.* (Org.). **Estudos Anglo-Germânicos em perspectiva**. Rio de Janeiro, 2002. p. 29-41.

SPERBER, Suzi Frankl. **Caos e Cosmos: leituras de Guimarães Rosa**. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

VEJMELKA, Marcel. 'Grande sertão: veredas' (João Guimarães Rosa) – 'Doktor Faustus' (Thomas Mann): Kritik interkultureller Vermittlung und dialogische Lektüre. In: SEVILLA, Rafael; COSTA, Sérgio; COY, Martin (Org.). **Brasilien in der postnationalen Konstellation**. Tübingen: Zentrum für wissenschaftliche Kommunikation mit Ibero-Amerika (CCC), 2003.

VEJMELKA, Marcel. **João Guimarães Rosas "Grande sertão: veredas" und Thomas Manns "Doktor Faustus"**: ein interkultureller Vergleich unter Berücksichtigung von Rezeption und Übersetzung. Tese de doutoramento – Freie Universität Berlin, 2003.

WILLEMS, Emilio. **A aculturação dos alemães no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.

WIMMER, Franz. Identität und Perspektivität: Orientierung von Einheit. In: FRANCHESCINI, Rita (Org.). **Biographie und Interkulturalität: Diskurs und Lebenspraxis**. Tübingen: Stauffenburg, 2001.

